DISCURSOS
E
CONFERÊNCIAS

A Lição que Vem das Águas

Francisco Marialva Mont'Alverne Frota

A cada ano, neste dia, o mesmo rito, a mesma cerimônia, a mesma mensagem, com o deliberado propósito de transmitir a generosa lição do passado ao presente. Mas a evocação da História, para ser fecunda, não se deve restringir a um imoderado ufanismo repetitivo; ao contrário, deve ser inculcada com a finalidade de lastrear as vicissitudes que nos cercam, como fonte de inspiração, como esteio capaz de induzir a superação dos obstáculos, que antagonizam os nossos propósitos, mas sobretudo, como um raio de luz para iluminar a realização dos objetivos nacionais permanentes da Pátria.

O passado só tem sentido pelo traço fecundante que encerra, pela força latente do fato que a nação escolheu como exemplar. E por tal relevante razão, muitas vezes, o passado é modelar, é inspirativo, é paradigmático, é comovente.

O sentido seminal da História está, não na repetição, nem na ressurreição do mesmo fato, o que é impossível, mas no enriquecimento do presente pela experiência do passado. É a bravura de poucos que enfibra a alma da nação. É o heroísmo de alguns que aproveita a tantos de nós. A magia da História está no culto dos antepassados, na lição de vida abnegada dos nossos heróis. Da recordação da memória deles é que podemos ter uma glória comum, que nos transforma em nação, na sintonia da mesma pulsação espiritual e da mesma consciência moral.

Repetir, com tal sentido, pelos arcanos dos tempos, a lição dos nossos heróis, como memorial generoso que lega o passado às gerações futuras, é seiva de que se nutre a Nação. Com tal propósito, a tradição e o passado, longe de avelhantarem, inculcam, exemplarmente, em nós, as salutares lições que enrijam o caráter nacional.

Renan, em um dos passos de sua conferência, a que deu o título de "Qu'est-ce qu'une Nation", proferida na Sorbonne, em 1882, esculpiu a essência conceitual de Nação. Vale a pena ouvir esta verdade aforismática: "Uma nação é u'a alma, um princípio espiritual. Duas coisas que, em verdade, constituem uma só, fazem esta alma, este princípio espiritual. Uma está no passado, outra no presente. Uma é a posse em comum de um rico legado de recordações, a outra é o consentimento atual, o desejo de viver juntos, a vontade de continuar fazendo valer a herança que se recebeu indivisa. O homem, senhores, não se improvisa. A nação, como o indivíduo é o estuário de um largo passado de esforços de sacrifícios e de abnegações. O culto dos antepassados é o mais legítimo de todos: os antepassados nos fizeram o que somos. Um passado heróico, grandes homens, glória – entenda-se a verdadeira glória – eis aqui o capital social sobre que assenta uma idéia nacional. Ter glórias comuns no passado, uma vontade comum no presente; haver feito grandes coisas juntas, querer ainda fazê-las; eis aí as condições essenciais para ser um povo. Ama-se a casa que se construiu e se transmite. O canto espartano: "Somos o que fostes: somos o que sois; é, em sua simplicidade, o hino abreviado de toda pátria".

O que nos congrega a todos, nesta manhã de luminosidade maranhense é a data nacional da Batalha do Riachuelo, comemorada pela comunidade, pelo povo, e, em especial, pelo Comando da Capitania dos Portos do Estado do Maranhão, em harmonia com o Ministério da Marinha. Hoje – repito – nas cidades e aldeias, nas praias e no sertão adusto, o povo irmanado, a Nação comovida relembra Riachuelo, no fragor de cuja batalha alterou-se, definitivamente, a instabilidade do Prata, no bojo do qual latejaram a indefinida demarcação da fronteira e a disputada navegação do Paraná, as quais desafiavam, na Colônia e no Império, a engenhosidade da diplomacia brasileira.

O sonho de reacender os ideais políticos do Vice-Reinado de Buenos Aires redundaria em fracasso e não tardou em desagregar o mosaico geográfico da Bacia Platina, tornando inamistoso o relacionamento entre aqueles países, que, àquela altura, só se entendiam na estufa dos conciliábulos diplomáticos.

Aproveitando a oportunidade, o Paraguai, já afeiçoado à visão

despótica de Francia, de Carlos Lopes e de seu filho Solano Lopes, este o mais aguerrido em exarcerbar o litígio entre o Brasil e a Argentina, que nos rendia uma desconfortante situação, procurava intrometer-se nos assuntos desses países, oferecendo uma vulpina intermediação.

Percebendo o Brasil, a Argentina e o Uruguai que a carreira armamentista do Paraguai desaguaria na aventura da ofensiva em busca da hegemonia continental sul-americana, celebraram o Tratado da Tríplice Aliança. Logo estala o confronto.

O combate do Riachuelo teve o mérito de acontonar o Paraguai na sua desmedida ambição. A esse respeito, tem Pedro Calmon conclusão transparente: "Desapareceu, em Riachuelo, a ameaça Naval que ainda poderia inquietar a Tríplice Aliança. Mais do que isto: ficava o Paraguai engarrafado nos seus redutos, sem saída para o mar, na impossibilidade de renovar o seu material, isolado daquela simpatia hispano-americana suscitada pela propaganda anti-imperial de seus amigos no estrangeiro, e portanto derrotado". – Pedro Calmon – História do Brasil.

Lopes, inteligente, não se expõe, pois parece que detinha consigo o prognóstico do apocalipse que alcançou o Capitão Meza, protagonista guarani na foz do Riachuelo.

Tasso Fragoso, ilustre soldado maranhense, descreve na sua monumental "História da Guerra entre Tríplice Aliança e o Paraguai" o lance em que o bravo Barroso se aprestava para o teatro fantasmático da batalha: "Pouco depois das 8 horas da manhã de 11 de junho, a Mearim, navio de vanguarda, içava o sinal de inimigo à vista, logo que o seu vigia lobrigava a esquadra de Meza em célere aproximação. Barroso ordenou sucessivamente por sinais da sua capitânea: Despertar fogos – Safa geral para o combate – Suspender – Bater o Inimigo o mais perto possível – Atacar o inimigo, que a glória é nossa – O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever".

A Guerra prosseguia... No seu anfiteatro de angústias reprimidas, sangue, suor e lágrimas. Greenhalgh e Marcílio Dias sucumbem e se transformam, pelo encanto de seus exemplos inexcedíveis, em legendas para a Marinha e para nós.

Mas, qual a lição atual do Riachuelo?

Qual a lição que vem dessas águas ilustres? O Barão de Tefé, comandante do Araguari, recordando aqueles momentos de decisão histórica, aludiu que ouviu de Barroso a frase que repito agora, consciente de sua atualidade: "Siga nas minhas águas que nossa é a vitória".

A Guerra da Tríplice Aliança revelou nossa incapacidade de co-

municação interior, o que por pouco não tolheu a preservação da integridade territorial do nosso país, embora para sanar tão grave carência sucederam-se os estudos de Eduardo José Morais, Ramos de Queiroz, André Rebouças, Honório Bicalho, Oliveira Bulhões, Rodrigo Augusto da Silva, Jerônimo de Morais Jardim, Mário Travassos, Delgado de Carvalho e Almirante Paulo Moreira da Silva.

Ainda são visíveis algumas de nossas deficiências, embora sejam inegáveis os avanços do nosso desenvolvimento social. Quem não enxerga nosso crescimento são os sectários e alguns outros dotados de obtusidade córnea, como diria Eça de Queiroz.

O mundo em que vivemos é conflituoso, pressionando o tegumento social de cada país, por fatores internos e externos. É o "mondo cane".

Vivemos debaixo de tremendas perplexidades, acossados pela barbárie que vem da tecnologia computorizada, pronta a ser acionada nas exarcerbações dos mais fortes, das potências nucleares. O botão nuclear é a nova trombeta de Gedeão. É a voz do Lobo. O som apocalíptico poderá ter percussão nas zonas de fricção internacional, nas áreas de turbulência.

Vivemos a hora das crises. A crise moral de avassaladora repercussão na sociedade, como um todo e, na família, como seu segmento mais exposto e mais vulnerável.

Quem pode deixar de constatar que o tecido político-social está ulcerado pelo Leviatã do intervencionismo estatal, pelo confisco da liberdade, pelo retorno do fantasma maltusiano da fome, pela tardia distribuição da justiça e pela revogação de alguns dos valores fundamentais do código da moral. E o homem fáustico, que somos nós, fica aturdido de ter que conviver, desprotegidamente, com as perversões do terrorismo, com o assalto impune, com o desrespeito da propriedade individual, sob a alegativa irracional de não se punir quem a esbulha, em nome do sagrado direito individual do transgressor. E tudo isso ocorre com o selo da nossa omissão, com as ambições desmedidas dos governados e com o desmaio da autoridade. Por isso é que nessa barca diluviana o tecnocrata erigiu-se em potentíssimo assessor, o político sem visão travestiu-se em estadista, o inciente vestiu a toga de professor, e o estudante relapso, com novo arrivista, defende ideologias cujos dogmas não conhece. Eis as mazelas da nossa civilização às vésperas do segundo milênio.

Este quadro assustador está presente também no Terceiro Mundo, com matizes sociais mais graves e alarmantes. A visão dos países subdesenvolvidos nos revela um painel contristador pela tônica da in-

justiça social.

É preciso transformar os anseios de vida melhor do homem numa justa realidade, decorrente dos direitos inalienáveis de sua humanidade.

É preciso ver no rosto desfigurado do pobre o efeito doloroso da brutalidade do capitalismo expansionista, que o tornou vítima impotente das classes dominantes dos países subdesenvolvidos, evidenciando esta realidade: os ricos ficam mais ricos à custa dos pobres cada vez mais pobres.

Mais perto de nós está o drama social do Nordeste. Os filhos desta região ardente são destemidos, mas se tornam impotentes para arrostarem a marginalização em que se encontram. O analfabetismo, a morte prematura, as precárias condições sanitárias, a fome e o desemprego, tudo conspira contra o nordestino, tornando-o um marginal insulado.

É preciso, com urgência, que surja uma legislação agrária justa e moderna, que discipline eficazmente a distribuição das terras improdutivas, libertando-as dos avaros interesses de uma minoria.

É preciso fazer o homem feliz no seu reino.

Nutrimos alentadoras esperanças de que a justiça social será exercitada entre nós sem impulsos demagógicos, sem efeitos paliativos, mas com firme propósito de reduzir os gritantes desníveis sociais.

E o que nos cumpre fazer? O fundamento ético é da essência do homem. Cada um busque a verdade do homem na sua consciência. Cada um cresça na sua dimensão, para ser um homem vertical, um cidadão, para ser útil à comunidade. Se assim ocorrer seremos uma nação rica e próspera, que não temerá dificuldades, porque conhece seus objetivos permanentes e conta com o vigor dos seus filhos.

Escutai-me repetir, no fecho desta reflexão, a frase de Barroso: "Siga nas minhas águas que nossa é a vitória". Sigamos nós o exemplo honroso desse bravo antepassado, para que a Nação se robusteça e chegue com o esforço de cada um à sua destinação histórica.

Esta a lição que vem das águas, das águas ilustres do Riachuelo.

(*) Palestra proferida em São Luís, Maranhão, a 11 de junho de 1984, em comemoração da Batalha do Riachuelo.